

PAISAGENS E LUGARES RIBERINHOS – CONFLITOS E IDENTIDADE NO BAIXO CURSO DO RIO DE ONDAS, BARREIRAS, BAHIA

Evanildo Santos Cardoso¹

Introdução

As paisagens e os lugares ribeirinhos são apresentados como ambientes paradisíacos em vários meios de divulgação. Essas duas categorias dão subsídios à elaboração de um quadro atualizado de transformações socioespaciais, principalmente aquelas que dizem respeito à cultura do lugar. O rio de Ondas, expressão maior dos símbolos naturais de Barreiras, assim como a cachoeira do Acaba Vida, sempre foi cultuado pelos artistas locais em suas obras literárias. Essa paisagem ribeirinha está repleta de sentimentos valorativos do natural.

A exaltação a esses símbolos está latente como uma fênix das cinzas, ou seja, em meio aos impactos ambientais intensificados a partir da década de 1980. A história dos rios de Ondas e Grande, porém, é reveladora de outro tempo no qual as relações sociais foram construídas pelo trabalho e persistência de um modo particular de viver e conviver na natureza.

As paisagens pretéritas nos brindam com marcas que se fizeram presentes nos dias atuais a partir da história oral, de utensílios, artefatos e fotografias antigas e ainda possibilitam entendermos a ação dos homens por meio de signos e significados. Nessa primeira parte, contribuimos com um olhar da paisagem que dominava o município e que ainda está presente na memória de muitos ribeirinhos. A segunda parte diz respeito às inovações e percepções sobre natureza/paisagem/lugar como temas que possuem na visão de visitantes e turistas o mesmo significado. A paisagem, nesse sentido, incorpora novos hábitos de consumo e aperfeiçoamento de novas

tecnologias. Por fim, destacam-se conflitos na paisagem que demonstram a dinamicidade na disputa por seus atributos naturais.

As paisagens pretéritas

O último porto do rio Grande, durante o século XIX, era pertencente ao povoado de Barreiras, que se emancipou de Angical em 1891. O porto era considerado o último, porque alguns quilômetros acima o curso do rio é tomado por barreiras de pedra à flor d'água, que impedem a navegação de prosseguir. A dinâmica histórica proporcionada pelo porto e a navegação em suas águas é destacada em variados textos como esse que segue:

É somente no século XIX que uma economia regional dos Cerrados da Bahia, centrada em Barreiras, começa a ganhar contornos próprios. A ocupação do Cerrado Baiano, como a de todo o além São Francisco, está ancorada, desde seu início, na navegação fluvial. Ela é possível no próprio São Francisco e em três dos seus afluentes: Grande, Corrente e Preto. Os cursos dos rios orientam a distribuição da população e das atividades econômicas regionais. Nos seus limites navegáveis, surgem pequenas povoações e portos fluviais, como Barreiras e Formosa do Rio Preto, onde se faz a transferência de mercadorias, que chegam em embarcações, para as tropas de animais destinadas aos sertões de Goiás (SANTOS FILHO, 1989, p. 25- 26).

Para os comerciantes, principalmente os goianos, as barreiras de pedras que impediam a navegação de continuar rio Grande acima, até mais perto de Goiás, barrava-lhes o caminho fluvial, obrigando-os a seguir a cavalo. Por isso, chamavam aquele local de porto das Barreiras, nome que depois juntaram ao do povoado que ia se formando em torno do porto das barcas, com o nome de São João, em homenagem ao seu padroeiro, São João Batista (ALMEIDA, 2005).

As travessias nos rios da região foram muitas, pois o rio de Ondas no trecho onde atualmente encontram-se estabelecidas chácaras possibilitava tanto a passagem dos animais de carga de Goiás, comandada por tropeiros quanto às tropas oriundas de povoados do baixo curso. No porto do rio Grande, as mercadorias transportadas em barcos pelo rio São Francisco chegavam a esse último ponto onde

eram comercializadas. Logo, a função dos tropeiros foi de vital importância para o comércio regional tanto que não se limitava apenas ao transporte de mercadorias.

O deslocamento dos tropeiros proporcionou novidades nas longínquas terras baianas visto que os obstáculos de natureza geomorfológica tais como rios, riachos, veredas e chapadas dificultavam bastante o transporte por outros meios.

As tropas de burros percorriam extensos caminhos e mantinham abastecidos os povoados por onde passavam. As viagens longas forçavam a conservação da carne por meio do sal, para poder alimentar o grupo durante vários dias na estrada.

Teixeira Neto (2001) refaz os caminhos de ontem e de hoje de Goiás e constata a semelhança na circulação de tropeiros nas estradas do período colonial com as atuais BRs:

De Salvador para Goiás, em direção ao vale do Tocantins, o caminho passava por Feira de Santana (que desde o século XVII já era importante feira de gado do nordeste brasileiro), Ipirá, Mundo Novo, Morro do Chapéu, rio São Francisco, à altura de Ibotirama, **Barreiras** (grifo nosso), Mimoso do Oeste (atualmente Luís Eduardo Magalhães), Serra Geral, e daqui aos arraiais do Duro (Dianópolis) e Natividade.

[...] A BR 242, atravessando os chapadões ocidentais do rio São Francisco, é em sua quase totalidade, a estrada colonial da Bahia, levando a Salvador, via **Barreiras** (grifo nosso) e Feira de Santana (TEIXEIRA NETO, 2001, p. 60).

Esses caminhos expressam a história presente e pretérita. Assim, a dinâmica espacial proporcionada pela localização do porto era intensa, pois nele inúmeros comerciantes negociavam produtos que dificilmente encontravam nos povoados de origem. As estradas que levavam os tropeiros para comercializarem no porto de Barreiras são as mesmas que levam beiradeiros e chacareiros para a cidade atualmente.

As várias mercadorias no porto oriundas dos centros urbanos subiam nos barcos pelo rio Grande. A compra de alguns desses produtos permitiu que a terra fosse sempre trabalhada para a produção e consumo local e o excedente era vendido nas feiras e comércios da cidade. No porto, aconteciam as trocas comerciais

principalmente com as comunidades beiradeiras que necessitavam de café e sal, ambos em barras, para serem ainda pilados em casa.

As fazendas e sítios, pertencentes aos capitães, definiam o poder local e estabeleciam uma configuração ao trabalho do beiradeiro e a integridade física como pertencente a uma classe social subalterna no interior de uma hierarquia de poder local do município de Barreiras.

Parte das comunidades beiradeiras se estabeleceu no baixo curso com suas atividades agropastoris responsáveis pela sustentação econômica de inúmeras famílias. A própria herança, desse período histórico, é a oficina de farinha que conjuntamente com as de rapadura e alambique, atualmente desativadas, garantiam o sustento e as trocas comerciais no comércio varejista.

Passados mais de cinquenta anos, as estradas continuam sem pavimentação apesar do fluxo de automóveis, em sua maioria caminhonetes, além da circulação de ônibus coletivo. A falta de pavimentação é um dos graves problemas para as comunidades beiradeiras, sendo, há bastante tempo, uma das maiores reivindicações à Prefeitura Municipal de Barreiras. Outros antigos caminhos são percorridos como o paralelo ao rio de Ondas, até alcançar o centro da cidade, próximo ao encontro com o rio Grande, lugar onde supostamente nasceu a denominação “Barreiras”.

Ao longo das estradas ainda são marcantes o transporte de produtos da roça para as oficinas de farinha ou mesmo quando se destinam às visitas aos parentes. Na paisagem encontram-se também extensos buritizais que denunciam a existência de umidade do solo com riachos e veredas. A concentração das moradias se dá no interior do vale do rio de Ondas com variadas intensidades de uso e ocupação. O quadro físico regional se expressa pelo relevo sedimentar representado pelas serras da Ondina, Tamanduá e Gameleira, recortadas por veredas revestidas por buritis.

Regionalmente, o baixo curso do rio de Ondas é formado por relevos de idade cretácea com um conjunto de escarpas (regionalmente denominadas de serras), que

separam a unidade de relevo das chapadas do São Francisco, dos planaltos em patamares, onde a comunidade está localizada. Na paisagem são encontrados vales entrecortados por veredas e nos setores superiores, a 450 metros, percebe-se afloramento de arenito que denuncia a estrutura geológica sedimentar da área (ALVES et al., 2010).

A primeira observação revela a beleza natural própria do domínio do Cerrado e de seus subsistemas. Trata-se, na visão dos “de fora”, expressão utilizada por Almeida (2003), de uma paisagem bucólica e quase imperceptível a dinâmica existente na sua essência. Nessa relação de cumplicidade e parceria entre beiradeiro e natureza, a paisagem é escrita e reescrita pelas pessoas do lugar. Nelas encontram-se a gentileza, a alegria e a hospitalidade.

No embate entre o moderno e o tradicional, a paisagem dominante, nesse caso, é a das populações litorâneas civilizadas e detentoras de maior conhecimento intelectual. Na verdade, as paisagens do sertão e os sertanejos são, nessa ótica de interpretação, subculturas no interior de uma cultura dominante. O nativo, na maioria das vezes, é tido como pessoa exótica, sem cultura, ou com pouco conhecimento. O visitante, ou turista, no imaginário social é tido como pessoa letrada e possuidora de vasto conhecimento.

Para entendermos paisagens que se transformam pelo poder de estereótipos, a cultura caipira contribui com o modo de perceber a vida rural dos beiradeiros. Essa proximidade se dá primeiramente pela vizinhança com moradias e dos sítios em um movimento constante dos moradores locais e de seus parentes para a cidade de Barreiras. De certa forma, a aceitação de mudanças no cotidiano é gradual.

Essa interação com o lugar e entre os beiradeiros foi construída mediante relações bem antigas com a cidade desde quando funcionava o porto. Porém, com a dinâmica urbana de Barreiras, não aceitam a imposição desse setor de forma a mudarem os seus valores por completo. Essa atitude demonstra a persistência na

paisagem e no lugar ribeirinho como estratégias basilares para a manutenção da identidade no rural, interagindo dialeticamente com o urbano.

Sob esse aspecto entende Claval (2001) que a territorialidade e a emergência de espaços culturalmente homogêneos, permitem determinados grupos manterem suas especificidades sem, no entanto, se contraporem a outros valores culturais. Entretanto, para manterem a coesão, impõem limites aos avanços de outros grupos. Caso contrário, há uma cisão com os traços culturais do povo de origem, desde que esse mesmo grupo não construa estratégias que fortaleçam sua língua e sua identidade.

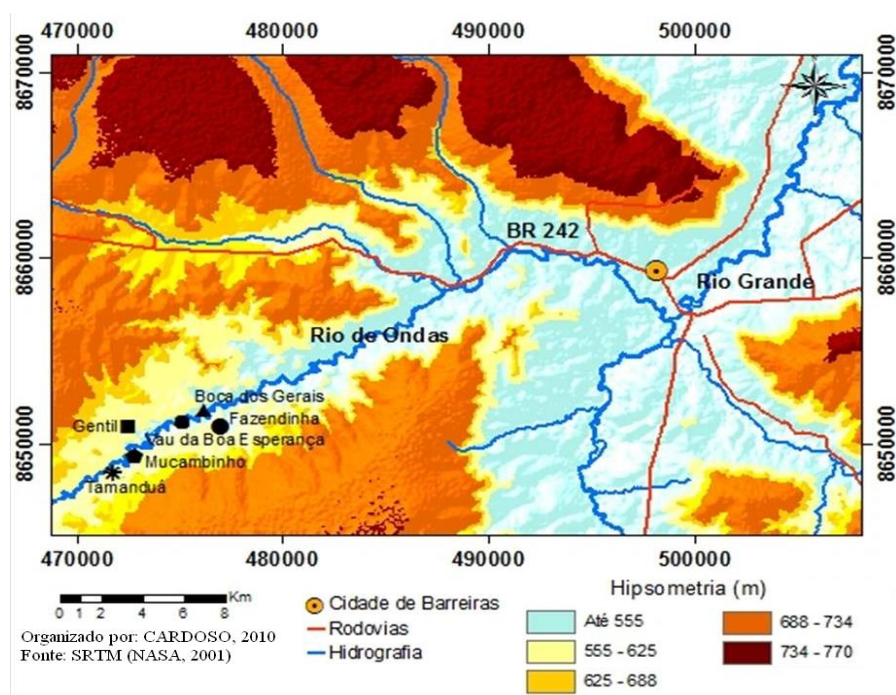
O entendimento dessa ideia do autor permite concluir que determinados beiradeiros, mesmo os mais velhos, não estão limitados a um espaço territorial fixo como consideravam estudos antropológicos e geográficos sobre grupos culturais. Porém, para perpetuarem sua cultura necessitam de um lugar que represente e permita sua territorialidade (Figura 1). No baixo curso do rio de Ondas, as feições da paisagem ribeirinha, como exemplo os gerais (extensão do Cerrado), o geraizão (mesmo sentido dos gerais), as aguadas (veredas), os tabuleiros (onde estão estabelecidas fazendas), as fazendas e os riachos são ícones que não somente orientam mas também abrem caminhos para a prática cultural.

Sem o rigor estabelecido por uma cultura fechada os ribeirinhos mantêm, há décadas, inter-relações necessárias com a cidade para estarem permanecendo no lugar. Essa fronteira que não indica separação e nem fixidez topográfica de um determinado povo constitui-se no que Gupta e Ferguson (2000, p. 45) acreditam serem lugares de “contradições incomensuráveis”.

O geógrafo cultural tropicalista Bonnemaïson (2002) desenvolve um texto em que evidencia a necessidade de grupos por um território ao diferenciar o espaço social do espaço cultural. O primeiro é produzido, o segundo é vivenciado. Esse último pode ser a soma de muitos lugares e trajetos nos quais a cultura aprofunda o papel do simbólico no/do espaço. Dessa forma, a cidade de Barreiras sempre esteve próxima

da comunidade não somente pelo fato da distância mas também pelas relações desencadeadas com o lugar/território diferente.

Figura 1 - Localização das comunidades beiradeiras do rio de Ondas.



Fonte: Cardoso (2012, p.104).

A proximidade com Barreiras sempre foi um fator positivo para que o excedente produzido nas roças das comunidades beiradeiras fosse comercializado no porto às margens do rio Grande. Atualmente, mais organizados, os beiradeiros estabelecem convênios com agências bancárias locais e empresas de apoio à agricultura a partir da associação de pequenos produtores.

A estreita ligação entre esses dois rios, Ondas e Grande, representou para as comunidades beiradeiras a referência para permanecerem no lugar e adquirirem uma identidade própria, na qual o comércio dos produtos da agricultura era vital para a sobrevivência das famílias. Essa paisagem pretérita marcou a vida dos grupos sociais, aproximando homens e mulheres da labuta diária e os caminhos que davam acesso

à cidade estabeleceram vínculos estreitos com as novidades trazidas pelos barcos a vapor.

As terras eram vendidas quando os parentes e outros amigos dos capitães, como os do capitão Marcos Pereira Gonçalves, ampliavam a ocupação por sítios e estabeleciam uma nítida diferença com a vida urbana de Barreiras onde se iniciava um pequeno comércio e a construção das primeiras escolas. No tocante à propriedade da terra, a maior parte era formada de posseiros, visto que não havia preocupação em regularizá-las no passado.

A terra pertencia a um coronel ou capitão que vendia ou doava aos descendentes sem, no entanto, registrá-la formalmente. Ao longo dos anos, as famílias fracionavam suas terras pela herança e pela venda a outros moradores que se casavam ampliando, dessa forma, a ocupação do lugar. O alto grau de parentesco, principalmente nas comunidades de Vau da Boa Esperança e Fazendinha, mantém a base familiar nas atividades agrícolas.

Para chegar nessas comunidades, o transporte coletivo diariamente faz a ligação com a comunidade nos dias de trabalho na feira e em outras tarefas pessoais em Barreiras. As atividades produtivas, a pouco relatadas, são, principalmente os cultivos de mandioca e milho, predominantes em relação à criação de porcos, galinhas e gado. Esses constituem uma forma de “poupança” para ser utilizada caso haja maior necessidade futura.

Os valores atribuídos ao lugar de origem possuem uma qualidade específica. Esses laços construídos pela experiência com outros lugares, no caso, a cidade de Barreiras, fazem dos mais velhos mensageiros de diferentes paisagens que apesar do crescimento da valorização de um grupo de poder (chacareiros) sobre outros (beiradeiros) os significados dos símbolos tipificam um domínio específico da cultura local.

A paisagem está repleta de outros símbolos do “passado”: o gado, a família, a capela, mas também pelo poder econômico dos grandes fazendeiros e todas as relações que foram modificadas pela história, pelos homens. Como exemplo, de seus usos diferenciados, o rio de Ondas perdeu uma das fontes de subsistência da comunidade como o peixe. Com o passar dos anos foram incorporadas novidades na culinária beiradeira com a influência de um modo de vida urbano. O peixe assim como outros produtos é oriundo dos mercadinhos locais e principalmente daqueles localizados na cidade de Barreiras.

Esse quadro social possibilita elaborar signos da paisagem a partir dos discursos que se confrontam e se estabelecem nas relações entre os beiradeiros e os de fora. Kozel (2008) considera que o ser humano, sua consciência e cultura são produtos incorporados de outras consciências e de outras culturas. Os discursos nas relações no campo e entre esse e a cidade devem ser lidos em um contexto cultural e transformados em enunciados daquilo que representam.

Duncan (2004) considera que os sistemas de representação não são fáceis de interpretar, devido ao seu caráter “invisível” à luz das teorias geográficas e sociais. Partilha, portanto, com Geertz (2008) quando concebe a metodologia da descrição densa do lugar e do tempo, a partir do confronto entre o observador e a paisagem.

Nessa lógica, o rio de Ondas é símbolo de muitos significados: banho, abastecimento, diversão e lazer. Esses são frutos da combinação de signos que possibilitam compreender um ou vários enunciados pertinentes à paisagem, ao lugar e às pessoas.

As novas paisagens

A distribuição dos símbolos na paisagem beiradeira está composta por elementos diversos dotados de valor subjetivo a partir de uma realidade material. A paisagem revela lados conflitantes em temporalidades diferentes. Os chacareiros dão

início à ocupação das margens, a partir dos anos de 1980 e 1990, quando há expansão urbana em Barreiras.

A necessidade em buscarem um estilo de vida diferenciado da cidade com base na contemplação da natureza valoriza o rio de Ondas como lugar de descanso. Esses novos moradores imprimem na paisagem contemplativa marcas nas formas geométricas dos terrenos e nos objetos: caminhonetes 4x4, churrasqueiras, quadras de vôlei e áreas de banho.

Sob essa orientação, cabe distinguir usos diferenciados da paisagem pelos atores/sujeitos que imprimem em uma margem valores estéticos e, na outra, valores afetivos construídos historicamente. Na realidade eles podem ser lidos sob diferentes ângulos na consciência do leitor. Não são autônomos e absolutos mas representativos de um cenário próximo do real.

De certa forma, o rio de Ondas promove aos finais de semana lugares do encontro em bares, chácaras e nos campos de futebol. O final de semana se transforma em um momento diferente com a agitação por automóveis, sons e ritmos. Os chacareiros, principalmente aqueles que não passam um final de semana sem usufruir da chácara, restauram as energias com o churrasco, o som das caminhonetes, os jogos, a pescaria e o banho de rio. Compreende o chacareiro Leandro Martins, que sua permanência às margens do rio de Ondas deve-se ao seguinte fato:

O rio de Ondas para mim, eu que não sou natural de Barreiras, a coisa mais importante é a quantidade de água que a gente tem. Eu já briguei com os nativos daqui porque eles têm uma mania de bater nos pés de árvore. Me dá seu dedo, deixa eu dar uma pancada para ver se você vai gostar? A árvore sente quando você machuca ela. E o rio é preservar, evitar a erosão para dentro dele, tentar nunca jogar sujeira e todo lixo daqui eu levo para Barreiras e de lá vai para o aterro sanitário (entrevista realizada em 13/02/2011).

Nesse depoimento, percebe-se que a esfera natural se sobrepõe às demais a ponto de impossibilitar integração no mesmo espaço com os beiradeiros, esses considerados como supostos “inimigos” da natureza. O verde preservado e o isolamento também foram fundamentais para adquirir a propriedade.

Os símbolos da paisagem expõem uma aparente harmonia e estão, na verdade, demonstrando uma divisão em termos de valores com a natureza e entre as pessoas, relativos aos bens materiais e imateriais. As casas e/ou moradias dos beiradeiros paulatinamente adquirem padrões arquitetônicos semelhantes ao encontrados na cidade. Mesmo assim as casas não representam apenas uma moradia ou edificação para curta temporada, elas são a morada do homem e passíveis de leituras culturais sem que se perca seu real significado.

Nessa perspectiva Bachelard (1984), tal como Tuan (1983), atribui um valor à casa e compreende que: “A casa na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma” (BACHELARD, 1984, p. 201).

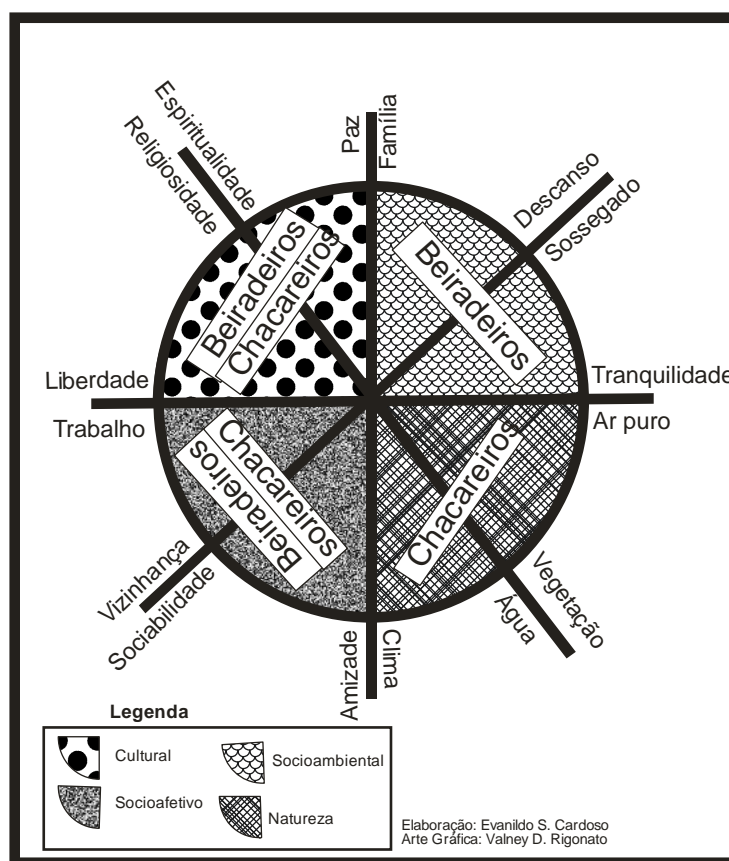
O devaneio poético permite identificar imagens familiares: o quarto, a sala, a cozinha, as varandas. Associado a essa percepção do poeta, os beiradeiros atribuem um grande valor às oficinas de farinha. A satisfação com o lugar e nele poder usufruir sem ufanismo e sacralização deve-se ao fato de incorporar valor mais coeso com a paisagem natural. Nela estão estabelecidos fortes sentimentos de preservação da vida em todas as dimensões imagináveis frutos evidentemente de uma visão ampla de mundo. E essa característica combina com o sentimento que revela a Sra. Dulce Araújo, 61 anos:

Eu amo esse lugar. Para mim aqui é o melhor lugar do mundo. Se eu vou para Salvador não me sinto bem e quero logo voltar. Aqui é muito tranquilo, tranquilo, tranquilo, porque é somente família e a gente vive numa paz. O rio é maravilhoso, só que o povo está cavando o rio, estão destruindo as belezas, os chacareiros. Nós aqui não fazemos nada (entrevista realizada em 05/12/2010).

Essa senhora compartilha e aproxima a relação dos homens com a natureza pela sua própria história de vida. A paisagem possui um sentido comunitário onde todos são sabedores da necessidade do trabalho em grupo e/ou em família.

O relato da Sra. Dulce evidencia um valor diferenciado ao lugar/terra daquele estabelecido pelo mercado imobiliário, chacareiros e pelos agentes especuladores. Essa consideração tem respaldo em Tuan (1983) ao discutir experiências íntimas com o lugar. Afirma o mesmo que: “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p.151). Na figura 2 é possível identificar sinteticamente as concepções diferenciadas sobre a paisagem segundo beiradeiros e chacareiros.

Figura 2 - Concepção de Paisagem segundo beiradeiros e chacareiros.



Fonte: Cardoso (2012, p.171).

A paisagem tem se tornado para alguns apenas contemplativa, como é a dos chacareiros. Isso deve-se ao fato de que há diferenças no poder aquisitivo dos grupos ou das classes sociais locais para usufruírem com maior comodidade os passeios e diversão pelo rio. Para os beiradeiros, a ênfase no lugar é caracterizada pela

tranquilidade e paz no qual também é percebida a familiaridade, uma esfera socioambiental. Para o chacareiro, o sossego e a paz de espírito se destacam além de ressaltarem os elementos da paisagem natural responsáveis por estarem usufruindo desse lugar: ar puro, clima, vegetação e as águas fazem parte da esfera da natureza. De certa forma, é enfocada por ambos os sujeitos a vizinhança e a sociabilidade como argumentos de integração com seus pares, uma esfera socioafetiva.

Não é exagero afirmar que dadas às condições naturais, próprias do baixo curso do rio de Ondas, novos olhares externos se voltam para as potencialidades do lugar ou dos lugares transformando paisagens vividas em paisagens consumidas fundamentalmente pela racionalidade econômica.

O quadro encontrado é a elevada valorização da terra nas comunidades Boca do Gerais, Gentil e Tamanduá. Parcelas significativas de terrenos, ao longo da estrada estão à venda por possíveis segundos donos demonstrando a especulação imobiliária e a expansão de outras formas de viver e morar: as segundas residências. O rio de Ondas se tornou o cenário perfeito para a contemplação da natureza pelos chacareiros e tem atraído, cada vez mais, novos proprietários.

As comunidades ribeirinhas vivem, na verdade, outra realidade como destacadas anteriormente. A constante indefinição quanto ao futuro em decorrência da disseminação de chácaras e a exploração energética e mineral resultam em uma paisagem desconhecida que está continuamente se transformando pelas ações externas.

Atualmente, símbolos atestam algumas mudanças na paisagem e no lugar: cercas, portões, motocicletas, barzinhos. E o rio de Ondas participa de um cenário no qual a história é (re)construída a cada nova intervenção na paisagem natural como àquelas realizadas pela introdução de pivôs no médio a alto curso e por chácaras.

Nesse cenário, a especulação imobiliária e a exploração de energia hidrelétrica no rio de Ondas para os beiradeiros tornam-se fatos preocupantes visto que temem por perderem as moradias. Atualmente, esse problema ainda é discutido por ser potencialmente destruidor das relações com o rio de Ondas como referência identitária.

Nesse sentido, a comunidade se organiza em associações mesmo que sejam evidenciados conflitos entre familiares e desses com agentes externos, tipo grileiros, chacareiros e empresas de mineração. A iniciativa é louvável visto que ali se encontram diversas manifestações culturais que foram construídas em longa data e que precisam ser reconhecidas.

A Identidade Cultural e os Conflitos

Nos últimos vinte e cinco anos, decorrente do crescimento da economia barreirense e do aproveitamento de novas fontes energéticas proporcionadas pelas águas, a valorização das terras tem crescido bastante. O rio de Ondas além de proporcionar o lazer, possui como potencialidade a geração de energia hidrelétrica e a extração de minerais. Isso representa o forte valor econômico que vem sendo atribuído à paisagem ribeirinha.

Atualmente, alguns conflitos têm gerado discussões sobre a posse da terra. Tal situação tem deixado intranquilos os moradores do Vau da Boa Esperança e das outras comunidades tanto da margem esquerda quanto da direita. Logo, a situação dos pequenos agricultores que herdaram as terras dos ancestrais é complicada pois precisam lutar judicialmente contra pessoas que agem de má fé e com o passar dos anos dúvidas tem surgido em relação à autenticidade da propriedade das terras.

De um lado, há venda de lotes, pois seus proprietários acreditam que possuem muita terra e que essa pode gerar uma renda a mais. Por outro lado, alguns querem tê-las por completo e mantêm como estratégias atividades diversificadas: a pecuária com algumas cabeças de gado, casas com motor para a fabricação da ração, criação de porcos e de galinhas, roça de mandioca, bem como cercas e portões nas

propriedades. Situação bem diferente era encontrada há cinquenta anos quando viver da roça significava sobreviver sem preocupação com bens materiais, ou seja, a terra não possuía a concepção atual de bem de capital.

Essa situação tem sido agravada nos últimos trinta anos. Diniz (1982) denunciou a ilegalidade na compra de terras inclusive com a violência física em Barreiras assim como em vários municípios da área centro-ocidental do Nordeste. É o caso de Balsas e Alto Parnaíba no Maranhão e Barra na Bahia onde os conflitos eram comuns. O autor esclarece ainda:

Mas os conflitos não são apenas aqueles criados com violência física, mortes, incêndios e destruições; o conceito precisa ser ampliado para englobar as desapropriações injustas, a compra de pequenas propriedades e de benfeitorias por preços ínfimos, que desestruturam o camponês e sujeitam-no ao assalariamento, à miséria, à fome e ao subemprego (DINIZ, 1982, p. 133).

No relatório, o pesquisador considerou que as forças da modernização penetraram na região a partir de três agentes básicos: primeiro, os agricultores individuais capitalizados; segundo, os grupos econômicos; terceiro, as empresas estatais. Os agricultores individuais foram considerados como da própria região ou mesmo de fora como os paranaenses. Os grupos econômicos possuíam um suporte governamental amparado com recursos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) para ocupar grandes áreas. Por último, o Estado investiu em projetos de irrigação nos vales dessas principais cidades bem como na implantação de companhias hidrelétricas como a do São Francisco.

Evidentemente com a globalização da economia essas práticas supostamente estão “superadas”, porém, os agentes econômicos se tornaram mais fortes numa economia neoliberal e o Estado apenas um regulador de determinados setores, inclusive, o elétrico. Nesse contexto, a valorização das terras beiradeiras por empresas de mineração (Itaóeste) e de energia (Renova Energia) representa uma fase complementar da modernização do capital e dos conflitos pela terra no município de Barreiras.

Em denúncias feitas pelos sindicatos locais, apoiados por **Organizações não Governamentais** (ONGs), foram realizados debates com órgãos da Prefeitura de Barreiras, Universidades e no Conselho do Meio Ambiente Municipal (CONDEMA). As reuniões tiveram como pauta esclarecimentos alusivos aos interesses das empresas e os possíveis benefícios socioeconômicos advindos da exploração energética por Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) no rio de Ondas.

A empresa Renova Energia sediada em Salvador, realizou estudos para implantação de uma PCH próximo ao que é conhecido como forquilha do rio, ou seja, encontro dos rios de Ondas e de Pedras. O relevo, nesse trecho, possibilita a formação de corredeiras que, segundo representantes dessa empresa em apresentação ao Conselho de Meio Ambiente Municipal em 23 de outubro de 2008, oferecem uma excelente condição para gerar um potencial de 30MW/h, bem como aliviar a carga hidrelétrica de Sobradinho no rio São Francisco.

Em mais uma vertente exploratória dos recursos locais, estudos investigativos sobre as potencialidades minerais vêm sendo realizados reforçando o mesmo processo de racionalidade econômica por meio de descobertas de novos materiais. O manganês e o tálio são os principais minérios pesquisados na região. O tálio, segundo divulgação pela empresa Itaoeste, está associado ao manganês e possui amplas utilizações na pesquisa científica, quer seja na aplicação de cabos elétricos supercondutores, quer na medicina com a capacidade de avaliar o sistema cardiovascular.

Em caráter ainda investigativo, a exploração efetiva desses minerais depende de licenças de órgãos oficiais para que a atividade possa ser iniciada com vistas à exploração de lavras subterrâneas ou superficiais. Entretanto, prevê-se uma mudança no valor da terra, caso sejam confirmadas as propriedades econômicas principalmente do tálio. Se forem confirmadas essas qualidades, as comunidades terão uma das poucas reservas no mundo a concentrar esse mineral valiosíssimo.

Essa fase vem completar o que foi estabelecido pelos programas de desenvolvimento dos Cerrados na década de 1980, ou mesmo os ciclos econômicos que, ao final do século XIX e início do século XX, caracterizaram a economia barreirense. Do barco a vapor, passando pela extração do látex da mangabeira até a exploração energética e mineral, a modernização vem definindo novos padrões de mercado globalizado que afetam os lugares mais distantes dos grandes centros técnico-científicos.

De certa forma, contrariando essa lógica, outros elementos marcam a paisagem e dão a ela uma identidade particular. O trabalho e o lazer são práticas desenvolvidas concomitantemente mesmo que hajam sentidos diferenciados de pertencimento ao lugar. O rio de Ondas possui um valor autônomo e a intervenção por projetos hidrelétricos viria alterar essa característica peculiar da paisagem. Exemplos são as capelas de Santo Antônio e de Imaculada Conceição, padroeiros locais e de tantos outros povoados.

O nível de intensidade de alteração da paisagem dos ambientes do Cerrado na área pesquisada tem por base o zoneamento de Almeida e Guimarães (2004) e Cardoso (2002). Esse zoneamento está dividido em três setores:

1. Baixa alteração sociocultural: corresponde aos setores de mata natural semiconservada às margens do rio de Ondas como também em setores elevados dos sopés das serras adjacentes.
2. Média alteração sociocultural: a cobertura vegetal ainda protege o solo das ações erosivas, apesar da pressão de estradas e ocupações residenciais.
3. Alta Alteração sociocultural: a cobertura vegetal é rarefeita e os solos encontram-se expostos, devido à concentração de ocupações variadas: chácaras, moradias, bares, agricultura, pecuária, estradas.

Mesmo que haja um alto nível de alteração às margens do rio de Ondas é destacável o uso diferenciado que se faz da paisagem principalmente nos setores mais planos das chapadas. As roças para agricultura são desenvolvidas há décadas e fazem parte da cultura ribeirinha. Em relação às chácaras, a ocupação das margens se dá preferencialmente para o exercício do lazer. Há maior pressão sobre a paisagem natural quando são instaladas essas propriedades que possuem formatos

geométricos identificáveis pelo afunilamento no início e alargamento às margens do rio de Ondas.

O sentimento de posse e a relação da comunidade beiradeira com o rio não é meramente física ela é cultural pois o mesmo já faz parte do seu cotidiano/espço de vivência. Para o chacareiro não é apenas um pedaço de terra, é, além disso, um espaço para a contemplação da natureza e da militância pela preservação do meio ambiente. Essas condições são mais importantes do que a terra simplesmente.

Nesse jogo valorativo da paisagem, na medida em que diferentes formas de intervenção no lugar são impressas, a identidade, para os beiradeiros, revela-se como estratégia para evitar a perda de valores tradicionais.

Considerações finais

Neste artigo podemos destacar que no baixo rio de Ondas se estabelece o surgimento tanto de um lugar para o trabalho quanto de lazer e diversão, visto que em ambas as margens se efetiva o “encontro” e o “desencontro” construídos sob a iminência da modernização alcançada pela cidade de Barreiras nos últimos trinta anos.

Essa condição de fronteira contrasta dois lados: o das chácaras na margem esquerda e o das populações tradicionais na margem direita do rio de Ondas. O lado dos chacareiros e o lado dos beiradeiros contribuem para uma analogia entre os que usufruem da paisagem natural e aqueles que atribuem valores identitários ao rio de Ondas.

A visão mítica da natureza do rio de Ondas está fortemente associada a uma forte necessidade de ligação com o paraíso selvagem representado pelas águas, matas e clima “originais”. O rio de Ondas e suas margens delimitam uma fronteira simbólica que expressam materialmente explícitas imagens e possibilitam amplos estudos dos aspectos urbanos, culturais, territoriais e de resgate da memória local. O

rio de Ondas absorve histórias e culturas em um cenário complexo e rico a partir de uma valoração do natural em nossa sociedade contemporânea.

A partir das inovações tecnológicas via fortes grupos empresariais, a descoberta de novos recursos, principalmente os minerais, promove demandas por materiais mais eficientes e lucrativos mesmo que estejam localizados em lugares distantes de grandes centros técnico-científicos como é o caso do tálio. O momento atual requer participação ativa da comunidade em suas associações bem como na legalização de suas terras, preservação de sua cultura e investimento em suas atividades produtivas.

Referências

ALVES, R. R. *et al.* As relações existentes entre a ocorrência das formas do relevo e o uso do solo na bacia do Rio Grande - BA. **Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada**. Viçosa: SGBF, UFV, 2009.

ALMEIDA, M. G. de. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, M. G. de; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. da C. (Org.). **Geografia e cultura** - a vida dos lugares e os lugares da vida. Goiânia: Vieira, 2008. 313 p.

ALMEIDA, M. G. de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, M. G. de; RATTS, A.(Org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. 283 p.

ALMEIDA, I. P. de. **Barreiras, uma História de Sucesso**. Documentos Barreirenses - Coleção do Professor -Volume I, Barreiras: Cangraf, 2005.

ALMEIDA, P. S.; GUIMARÃES, D. M. S. **A função ecológica das matas ciliares para a manutenção das bacias hidrográficas** – zona de chácaras no baixo curso do rio de Ondas, Barreiras, BA. Monografia (Especialização em Gestão Ambiental Municipal). Salvador: UNEB, 2004. 72 p.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto. Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Trad. de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2. Ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001. 453 p.

CARDOSO, E.S. **Viver entre Margens** - A persistência na paisagem e no lugar dos beiradeiros do rio de Ondas – Barreiras – Bahia. Goiânia: UFG, Tese (Doutorado em Geografia), 2012. 254 p.

CARDOSO, E. S. **A análise das condições ambientais do litoral e Iguape e Barro Preto - Aquiraz - Ceará**. Fortaleza: UFC, Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), 2002. 145 p.

DINIZ, J. A. F. **A área centro-ocidental do Nordeste**. Recife, SUDENE – Coordenação de Planejamento Regional, 1982.

DUNCAN, J. S. A paisagem com sistema de criação de signos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. 180p.

GUPTA, A.; FERGUSON, J. Mais além da “cultura”: Espaço, Identidade e Política da diferença. In: ARANTES, A. A. (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

KOZEL, S. Representação e Ensino - aguçando o olhar geográfico para os aspectos Didático-pedagógicos. In: SERPA, Â. (Org.) **Espaços Culturais – vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. 426 p.

SANTOS FILHO, M. **O processo de urbanização no oeste baiano**. Recife: SUDENE, 1989.

TEIXEIRA NETO, A. **Os caminhos de ontem e de hoje em direção a Goiás-Tocantins**. Goiânia: Boletim Goiano de Geografia, UFG, vol. 21, n.1, jan./jul.2001.

TUAN, Y-F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

Agradecimentos

Agradeço a Professora Maria Geralda de Almeida pelas valiosas orientações na elaboração da tese de Doutorado em Geografia bem como aos membros das comunidades ribeirinhas do baixo curso de Ondas pelo convívio e partilhas de conhecimentos.

Sobre o autor:

¹Evanildo Santos Cardoso – <http://lattes.cnpq.br/1520233608332198>

Geógrafo, Mestre e Doutor. Professor Adjunto I da Universidade Federal do Oeste da Bahia e Docente do Curso de Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (ICADS).
Contato: evanildo@ufba.br